



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

Maio

Nº 273

A GUERRA HISPANO-AMERICANA - 1898

O Tuiuti traz nesta edição um breve relato de uma guerra pouco conhecida - a Guerra Hispano-Norte Americana de 1898, quando os EUA conquistaram Cuba, Guam, as Filipinas e Porto Rico. Não são, neste texto, detalhadas as operações militares, mas ele remete o pesquisador a textos mais apurados. Importantes são as motivações e as circunstâncias do conflito, principalmente o seu desideratum econômico. E do que é capaz uma grande potência na busca dos seus objetivos, sejam eles legais ou não. Remeto ao critério de cada um.

Extrato da obra "História dos EUA", de Henry Steele Commager e Allan Nevins. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967, pág. 333/338.

A última década do século XIX encontrou um alto nível de imperialismo na maioria das grandes nações. A divisão da África estava sendo concluída; a China parecia em vias de ser loteada em benefício das grandes potências. Algumas das razões do imperialismo eram econômicas, pois populações crescentes e centros industriais em expansão exigiam novos mercados. Algumas eram políticas, pois nações rivais buscavam mais força em suas possessões. Algumas eram navais; os livros de Alfred T. Mahan haviam dado ênfase ao valor das cadeias de bases navais. Algumas eram religiosas e éticas, pois clérigos de religiões evangélicas consideravam um dever cristão "levar a luz aos cantos escuros", enquanto os reformadores falavam na missão do homem branco em erguer socialmente os povos atrasados. E as outras razões eram puramente emocionais, e jornais sensacionalistas aumentavam o desejo de aventuras em terras estrangeiras.

Nos Estados Unidos, o pânico de 1893 e a reeleição do antiimperialista Cleveland fizeram alguma coisa para reduzir os efeitos de um nascente nacio-

nalismo mesclado com o desejo de expansão. Por volta de 1897, com a depressão terminando e Cleveland desacreditado, este espírito estava ressurgindo. Ele encontrou sua oportunidade quando uma sangrenta rebelião em Cuba ganhou um impressionante progresso.

O governo espanhol em Cuba, desde muito tempo, era corrupto, tirânico e cruel. Ano após ano, ele havia retirado da ilha pelo menos dois quintos de sua renda anual, diminuindo sua capacidade produtiva e empobrecendo a população. Os espanhóis praticamente monopolizavam o governo, atribuindo-se salários fantásticos e mantendo um sistema de rouba-lheiras contínuas. Impostos quase intoleráveis eram cobrados à indústria e ao comércio. Abusivos impostos de consumo sobrecarregavam a agricultura e a mineração, enquanto vantagens tarifárias davam aos fabricantes e comerciantes espanhóis um monopólio que eles exploravam cobrando preços extorsivos por suas mercadorias. A vida e a propriedade não eram seguras. Qualquer cubano poderia ser sumariamente preso e "morto quando tentava fugir". Os tribunais eram instrumentos nas mãos dos governantes espa-

nhóis, e uma ação judicial era geralmente sinônimo de roubo. A imprensa era amordaçada. A Igreja, que estava nas mãos de prelados espanhóis, era corrupta, ineficiente e suas simpatias não estavam com as pessoas comuns. Sua oligarquia reacionária mantinha um controle estrangulante sobre a educação e o analfabetismo era geral. Um grande Exército estacionado na ilha tinha de ser mantido pelo povo.

A revolta estava sempre abaixo da superfície; uma ruínosa guerra de guerrilhas se arrastou durante a maior parte da década de 1870, e quando, em 1895, uma grande depressão, mais acentuada por impostos americanos sobre o açúcar, caiu sobre a ilha, o sofrimento das massas não podia mais ser reprimido. O patriota José Martí levantou a bandeira da rebelião e logo toda a ilha estava em chamas.

Apesar de as administrações Cleveland e McKinley terem se esforçado sinceramente para manter sua neutralidade, logo se tornou claro que, se a guerra fosse prolongada, os Estados Unidos teriam que intervir. Os efeitos econômicos dela nos Estados Unidos eram sérios, pois cerca de cinquenta milhões de dólares de capital americano estavam investidos na ilha e, antes da revolta, o comércio dos EUA com a ilha era de cerca de cem milhões de dólares por ano.

Quando revolucionários cubanos começaram a usar os Estados Unidos como base de operações, o governo de Madri se queixou. Mas a situação era difícil de ser enfrentada e a falta de eficácia do bloqueio espanhol era um fator importante. Cidadãos americanos em Cuba sofreram perda de propriedade, liberdade e até mesmo da vida e Washington fez veementes protestos. Além disso, a opinião pública americana estava profundamente agitada pela selvageria com que a guerra era levada a efeito pelos dois lados e pela brutalidade da política espanhola.

Depois que o hábil, mas cruel General Valeriano Weyler (espanhol) foi enviado a Cuba para esmagar a revolta, a luta se tornou cada vez mais bárbara. Os dois lados massacravam seus prisioneiros sem piedade e atrocidades injustificáveis foram cometidas contra não-combatentes indefesos. No outono de 1896, Weyler transformou algumas cidades e vilas em áreas de concentração, ali reunindo mulheres, crianças e velhos que morriam como moscas. No fim de 1897, mais da metade das 101 mil pessoas da Província de Havana, as quais haviam sido colocadas nestas áreas de concentração, estava morta, e o cônsul-geral americano relatou que, em toda a ilha, cerca de 400 mil pessoas - especialmente mulheres e crianças - haviam sido colocadas nestas áreas de concentração sendo reduzidas à condição de animais selvagens e morrendo diariamente às centenas.

O governo espanhol continuou enviando tropas a Cuba até que, em 1898, já possuía 200 mil soldados na ilha. Seu Ministério de Relações Exteriores tentou organizar uma liga de potências europeias visando a impedir a intervenção dos Estados Unidos; liga essa que recebeu algum encorajamento da Alemanha, do Império Austro-Húngaro e da França, mas com a Inglaterra se opondo a ela e a Rússia manifestando indiferença. A paciência americana estava se esgotando, e o Congresso exigia que alguma coisa fosse feita. A opinião pública americana, em parte pela crueldade dos acontecimentos da ilha e em parte pelo clamor da imprensa sensacionalista liderada pelo New York Journal, de Randolph Hearst, estava pronta para a guerra. O Presidente McKinley e alguns senadores, que o aconselhavam, desejavam evitar o conflito. Mas as considerações políticas e uma crença no direito de a vontade popular escolher a política a ser seguida limitavam a resistência de McKinley à pressão.

O embaixador espanhol em Washington, Dupuy de Lome, não ajudou as coisas quando em fevereiro deixou a cadeia de jornais de Hearst se apossar de uma carta na qual ele chamava McKinley de "suposto-político", "um licitante à admiração da multidão" e um homem culpado de "má-fé em relação à Espanha".

Uma semana mais tarde, o navio de guerra dos EUA, Maine, foi afundado no porto de Havana, causando a morte de 260 americanos. É indiferente que esse afundamento tenha sido obra de espanhóis irresponsáveis ou de provocadores cubanos, o fato é que ele tornou a guerra quase inevitável entre os dois países. O governo espanhol fez apressadas concessões de última hora. Devidamente aproveitadas, essas concessões teriam resultado na libertação pacífica de Cuba, mas McKinley acreditava que já fosse muito tarde para maiores delongas, e no dia 11 de abril ele enviou ao Congresso a declaração de guerra.

Sem dúvida alguma essa era uma guerra popular, mas também era uma guerra desnecessária. Nenhum outro conflito americano trouxe lucros tão rápidos em glória quanto a Guerra Hispano-Americana. A luta começou no dia 1º de maio de 1898 e terminou em dez semanas. Os americanos não sofreram um único revés. No dia 1º de maio, o Almirante George Dewey entrou nas águas não minadas da Baía de Manila pela madrugada, aproximou-se da esquadra espanhola - que ele superava em forças - até que a distância fosse perfeita, e disse "Gridley, vocês podem atirar quando estiverem prontos", e colocou o inimigo fora de combate sem sofrer uma única baixa. Esse acontecimento foi apropriadamente celebrado por um versificador do Kansas que escreveu:

Oh, dewy was the morning,
Upon the first of May
And Dewey was the admiral
Down in Manila Bay

And dewy were the Spaniard's eyes
Them orbs of black and blue
And dew we feel discouraged?
I dew not think we dew!

Oh, orvalhosa era a manhã
No dia primeiro de maio
E Dewey era o almirante
Na Baía de Manila

E orvalhados estavam os olhos dos espanhóis
Suas órbitas pretas e azuis.
E estávamos nós também "orvalhados"?
Não, penso que não estávamos!

Tropas equivalentes a um simples corpo de exército foram desembarcadas nas proximidades de Santiago e obtiveram uma rápida série de vitórias, ficando com o porto sob suas miras. A esquadra do Almirante Pascual Cervera y Topete, composta de quatro cruzadores, arriscou-se a deixar a Baía de Santiago e poucas horas mais tarde não passava de destroços ao longo da costa - e nesse combate os americanos só perderam um marinheiro. O exército do General Nelson Appleton Miles foi desembarcado em Porto Rico e marchou pela ilha como numa parada de feriado. Dooley escreveu sobre a conquista da ilha dizendo que ela havia sido "o grande piquenique e excursão ao luar do General Miles em Porto Rico".

O povo americano aceitava a guerra com um patriotismo despreocupado. Todas as bandas tocavam a nova melodia de John Philipp Sousa, a The Stars and Stripes Forever, e todos os pianos eram martelados para que produzissem os acordes de There'll Be a Hot Time in The Old Town Tonight (Hoje à Noite Vai Haver Tempo Quente na Cidade). As divisões partidárias foram interrompidas e Bryan serviu como coronel num regimento de Nebraska. Os últimos vestígios do antagonismo entre o Norte e o Sul foram derretidos pelo fogo do sentimento nacional; e Joe Wheeler, o famoso chefe da cavalaria confederada, lutando em Santiago, afirmou que uma única batalha lutada sob a bandeira da União valia quinze anos de vida. No quente dia de julho, em que foi anunciada a queda de Santiago, as bandeiras americanas foram agitadas de Boston a São Francisco. Os jornais enviavam seus correspondentes para Cuba e para as Filipinas, e estes repórteres trombeteavam nos ouvidos americanos as façanhas de uma dúzia de novos heróis nacionais. Havia o Fighting Bob Evans, do Iowa, que recebeu Cervera a bordo, depois de este almirante haver pedido sua esquadra; o

Capitão Philip, do navio Texas, que, ao afundar um navio espanhol, ordenou à tripulação de seu barco: "Não exultem, meninos; os pobres-diabos estão morrendo"; o Tenente Victor Blue, que se embrenhou nas matas cubanas para descobrir os efetivos do inimigo, e o Capitão R. P. Hobson, que afundou o navio carvoeiro americano Merrimac numa tentativa frustrada de impedir a entrada da Baía de Santiago. Mas sobre todos os outros heróis aparecem George Dewey, a quem a nação agradecida doou uma casa em Washington, e Theodore Roosevelt, chefe dos Rough Riders, cuja folha de serviços durante a guerra ajudou-o a morar na casa mais famosa de Washington. Esta parecia uma guerra ideal. Suas listas de baixas eram pequenas, seu custo não era grande, levantou o prestígio dos Estados Unidos no exterior, e os americanos receberam bons despojos.

Contudo, quando examinada de perto, essa guerra tem aspectos menos louváveis. Sua glória foi ganha às custas de um inimigo impotente, pois a resistência espanhola foi lamentável. A Marinha Espanhola estava tão mal equipada e desmoralizada que praticamente não conseguiu fazer um único arranhão nos navios americanos. Os duzentos mil soldados espanhóis que estavam em Cuba eram colocados em desvantagens pela sua má liderança e pelas deficiências de transporte, e a situação de confusão e incapacidade pura entre os espanhóis era tal que apenas doze mil soldados puderam ser colocados em Santiago quando as tropas americanas se aproximavam da cidade.

As vitórias dos EUA são atribuíveis em parte à coragem e à energia, mas em parte muito maior à fraqueza espanhola. E os antecedentes dessas vitórias eram um registro de corrupção burocrática, ineficiência e serviço malfeito que pareciam lamentáveis aos cidadãos de maior responsabilidade. A Secretaria da Guerra era tão mal dirigida que seu chefe foi logo depois excluído da administração McKinley para dar lugar a um chefe mais capaz - Elihu Root - que deu à Secretaria e ao Exército muito mais eficiência.

O número de americanos que morreram de doenças era um péssimo reflexo não só do corpo médico do Exército, mas também dos sistemas sanitários e de saúde de uma forma geral. Apesar de uma série de vitórias sobre os espanhóis a perícia de tiro da Marinha se tinha mostrado atroz, o que exigia uma rápida reformulação da artilharia naval. O efeito negativo da política sobre o serviço de Guerra em Washington foi mais uma vez posto em evidência. E Theodore Roosevelt estava com a razão ao chamar este conflito de "A Guerra do Despreparo Americano". O Exército foi logo aumentado para um efetivo de 100 mil homens, foi

O POEMA DO FADO DO DESFILE DO DEPÓSITO DE PESSOAL DA FEB EM LISBOA EM 1945

Poema **Nossos Irmãos**, de Linhares Barbosa

*Um regimento passou.
De soldados brasileiros.
E um menino perguntou.
Minha mãe, são estrangeiros?*

*A mãe sorriu de maneira.
Que ao filho pareceu de troça.
Minha mãe é que a bandeira.
Que ali vai não é a nossa.*

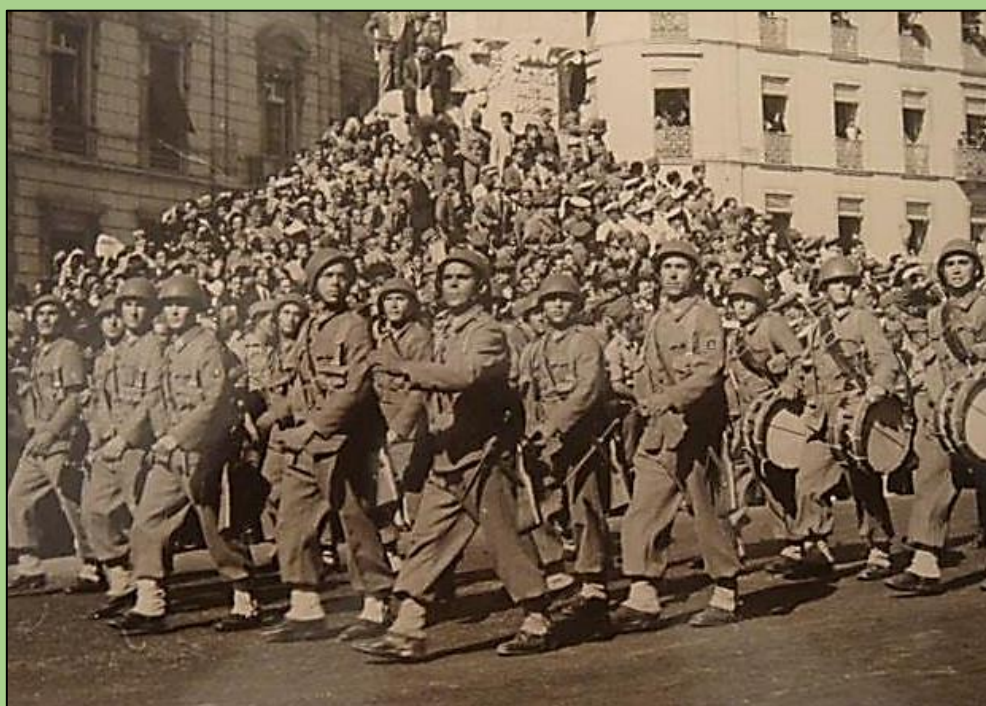
*Nas cores não se assemelha.
Tem um céu, muitas estrelas.
A nossa é verde e vermelha.
Mas são lindas qualquer delas.*

*Aquela nobre bandeira.
Que volta ativa da guerra.
É da nação brasileira.
Que é irmã da nossa terra.*

*São nossos irmãos bem vindos.
São nossas as suas galas.
E até falam português.
Tal qual eu falo e tu falas.*

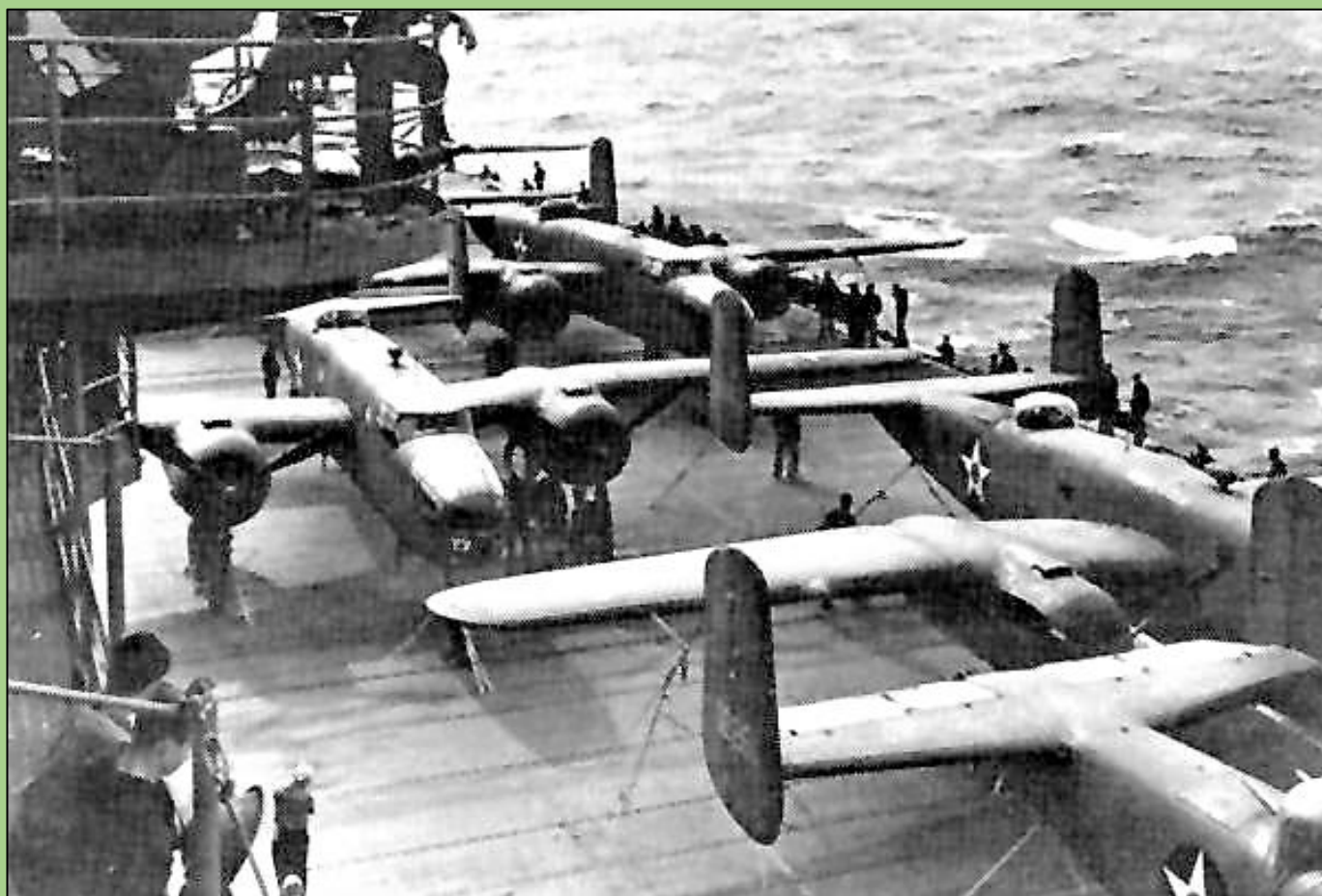
*Marcham ali perfilados.
Como se fôssemos nós.
Os avós desses soldados.
Foram os nossos avós.*

*Regressam de batalhar.
Pelo direito, pela verdade.
E acabam de conquistar.
Nossa própria liberdade.*



Tropa brasileira em Lisboa

OS ESTADOS UNIDOS VÃO À GUERRA.
“30 SEGUNDOS SOBRE TÓQUIO” – 18/04/1942.



Acima: Bombardeiros B-25B *Mitchell* no convés do porta-aviões USS *Hornet*, rumo ao Japão.

Frederico Aranha – Pesquisador
aranha.frederico@outlook.com

O Presidente Franklin D. Roosevelt estava determinado a revidar o bombardeio de Pearl Harbour em 07 de dezembro de 1941. O ataque chocou e enraiveceu o povo americano. O moral nacional só piorou, na medida em que o Japão colhia vitórias nas Ilhas Wake, Tailândia, Hong Kong, Manila e Singapura, amplamente divulgadas na mídia americana – parecia invencível. A América precisava reverter o *momentum* com uma vitória – qualquer tipo de vitória – para retomar a iniciativa. O Presidente passou a pressionar a “Joint Chiefs of Staff – JCS” (Junta dos Chefes de Estados Maiores) para obter uma vitória militar urgente. Insistiu para que “obtivessem meios e criassem possibilidades para atingir o território do Japão, na forma de um bombardeio aéreo, um objetivo real de guerra”. Foi montado um plano ousado para lançar de um porta-aviões 16 bombardeiros baseados em terra, tripulados por oitenta homens, para realizar a primeira ofensiva aérea ao coração do Japão. Este ataque ficou conhecido como o famoso “Reide Doolittle”.

O Tenente Coronel James “Jimmy” Doolittle lembrou na sua autobiografia, que o reide intencionava animar o moral americano e criar dúvidas no povo japonês quanto à competência das suas lideranças, o que efetivamente sucedeu: “Fora dito ao povo japonês que eles eram invulneráveis ... Um ataque ao território japonês, mormente à capital, causaria confusão na população. (...) havia uma segunda e importante razão psicológica para o ataque ... Os americanos necessitavam urgentemente de uma elevação no moral nacional”.

A concepção do ataque foi do Capitão de Marinha Francis Law, que reportou em janeiro de 1942 ao Almirante Ernest King, Comandante das Operações Navais, que bombardeiros bimotores do Exército poderiam

ser lançados de um porta-aviões, após observar na base aeronaval de Norfolk, Virgínia, experiências com esses aviões decolando de uma pista demarcada do mesmo tamanho do deck do porta-aviões. O ataque foi planejado e liderado por Doolittle, famoso piloto de testes, aviador civil e engenheiro aeronáutico antes da guerra. A exigência quanto ao avião, era ter um alcance útil de 4.400 km com uma carga de bombas de 910 kg, o que resultou na escolha do B-25B *Mitchell* para a missão. O *Mitchell* tinha raio de ação de somente 2.000 km, de sorte que foi preciso dobrar a reserva do volume de combustível com tanques adicionais. Outros aviões foram considerados e testados (Martin B-26 *Marauder*, Douglas B-18 *Bolo* e Douglas B-23 *Dragon*), mas descartados, fosse pelo tamanho, o que reduziria o número de aviões na missão e poderia comprometer a superestrutura do porta-aviões, fosse pela incapacidade de decolar com segurança em pista reduzida. O B-25B não entrara ainda em combate, mas os exaustivos testes indicaram que ele preenchia os requisitos da missão. Foram aliviados de todo peso desnecessário – por exemplo, as torres dorsal e traseira com reparos duplos de metralhadoras .50 (12,7 mm) foram retiradas, permanecendo uma metralhadora .30 (7,62 mm) na proa e o reparo duplo de metralhadoras .50 (12,7 mm) da torre superior. Cada avião carregava quatro bombas de 225 kg. Três delas eram do tipo alto explosivo e uma era um cacho de incendiárias, que se espalhavam depois de lançadas.

Inicialmente, Doolittle sugeriu que os bombardeiros após a missão aterrissassem em *Vladivostok* (o que encurtaria o voo em 1.100 km em relação à China, a opção inicial). As negociações com a União Soviética para obter a permissão de pouso foram infrutíferas, pois o país havia assinado um pacto de neutralidade com o Japão em abril de 1941. Em razão disso, quase todas as unidades do Exército Vermelho no Extremo Oriente foram deslocadas para oeste após Stalin receber informação segura da KGB em Tóquio de que o Japão não tinha planos para atacar a União Soviética. Com virtualmente todas suas forças armadas engajadas na luta contra os alemães e seus aliados, o governo soviético não estava em posição de oferecer qualquer tipo de assistência às forças americanas na Ásia, com isso provocando o Japão. Chiang Kai-Shek concordou em ceder campos de pouso na China, apesar das previsíveis represálias japonesas no território chinês ocupado. Cinco possíveis campos foram selecionados. Serviriam somente para reabastecimento, permitindo às tripulações voar até *Chungking*, então capital provisória da República da China.

Zarpavam do Havá na madrugada de 17 de abril de 1942, o USS *Hornet* carregado com dezesseis bombardeiros B-25B, acompanhado do porta-aviões USS *Enterprise*, quatro cruzadores e oito *destroyers* sob o comando do legendário Almirante “Bull” Halsey. A pequena força-tarefa aprofundou o oeste através do Pacífico Central, tomando o rumo do Japão. Com o convés de voo do *Hornet* tomado pelos B-25B restavam os caças e bombardeiros do *Enterprise* para prover cobertura aérea. Se a força-tarefa se deparasse com a Armada Combinada Japonesa – especialmente com os seis porta-aviões que atacaram *Pearl Harbour* – a batalha poderia ser fatal para os americanos. Todavia, a sorte acompanhou-os desde que zarparam. A intrépida força navegou em alta velocidade e em segredo até o amanhecer do dia 18 de abril, quando se encontrava a cerca de 1.000 km da costa do Japão. Foi avistada pelo pesqueiro *Nitto Maru* um dos barcos de pesca da frota que o Japão mantinha como observadores avançados. O barco foi rapidamente afundado pelo cruzador USS *Nashville*, exigindo vários canhoneiros, pois o mar estava muito agitado e o alvo era pequeno, não sem antes emitir o sinal de alarme (seu capitão cometeu suicídio e cinco dos onze tripulantes foram capturados). Aviões do USS *Enterprise* afundaram ou danificaram outros oito barcos pesqueiros menores que se encontravam na área. Forças navais japonesas imediatamente zarparam do Japão, enquanto os seis porta-aviões – em rota do Oceano Índico para águas japonesas – deram meia volta rumando para a área onde navegava a força-tarefa americana.

No entanto, conhecendo o curto raio de ação dos aviões americanos embarcados, os japoneses concluíram que o Japão só estaria ao alcance da força-tarefa no dia seguinte, 19 de abril, o que lhes dava tempo suficiente para interceptá-la. Monitorando as comunicações japonesas (os americanos haviam decifrado o Código Secreto da Marinha Japonesa), os americanos souberam que haviam sido descobertos e decidiram lançar o ataque cerca de 400 km antes do ponto planejado. Esta decisão praticamente decretou a perda dos aviões, pois dificilmente teriam combustível suficiente para chegar aos campos de pouso disponíveis na costa da China. Entre oito e nove horas da manhã dezesseis *Mitchells* decolaram do USS *Hornet*.

(continua)



O primeiro dos dezesseis B-25B a decolar.

As cidades-alvo eram Tóquio, naturalmente, Yokohama, Nagoya e Kobe. Voando muito baixo para iludir as defesas japonesas, os bombardeiros lançaram sua carga sem oposição, conforme o planejado. Apesar dos danos mínimos infligidos, o moral americano, ainda em baixa por causa do ataque a Pearl Harbour e os ganhos territoriais subsequentes dos japoneses, subiu vertiginosamente com a notícia do sucesso da operação, perpassando o país o entusiasmo e o patriotismo. A imprensa japonesa descreveu o ataque como um cruel bombardeio indiscriminado contra civis, mulheres e crianças. Depois da guerra, a contagem das baixas somou 87 mortos, 151 feridos com gravidade e mais de 311 feridos leves; crianças estavam entre os mortos, e os jornais perguntaram aos seus pais como, na sua opinião, os tripulantes americanos capturados deveriam ser tratados.

Um bombardeiro perdeu o rumo e aterrissou na União Soviética – a tripulação foi aprisionada e o avião internado. Pouco depois, empreenderam uma fuga (possivelmente promovida pelos russos) e atravessaram a fronteira com o Irã, sendo abrigados por diplomatas ingleses. Os outros quinze B-25 dirigiram-se ao leste da China em busca dos campos de pouso, com pouco combustível, a noite se aproximando e o tempo piorando. Um vento de cauda de 40 nós evitou que caíssem no mar. Alguns realizaram aterrisagens forçadas e outros foram abandonados pelas tripulações, que pularam de paraquedas. Morreram três tripulantes no salto e oito foram capturados pelos japoneses, dois quais três foram fuzilados após torturas atrozes (depois da guerra, executores foram identificados e enforcados). Os restantes foram todos resgatados por civis chineses e postos a salvo, dirigindo-se à capital.

Duas graves consequências, entre outras, resultaram do Reide Doolittle. Uma de caráter humanitário e outra estratégica. Três dias depois do ataque o Presidente Roosevelt declarou que os bombardeiros haviam sido lançados de uma base secreta denominada *Shangri-la*, ao invés de porta-aviões. Todavia, quando os japoneses descobriram que os chineses haviam socorrido os tripulantes americanos, desencadearam uma terrível vingança. O Exército Japonês lançou uma ofensiva para capturar campos de pouso ao longo da costa chinesa: no processo, empreenderam uma guerra química e biológica e outras atrocidades, massacrando mais de 250.000 civis, de

acordo com estimativas chinesas na época. Foi um preço horrível pago pelos chineses, mas seu sacrifício não foi em vão. A humilhação imposta aos japoneses foi imensa, porquanto o próprio Imperador poderia ter sido vitimado por aquelas bombas!

Mas o que realmente chocou e envergonhou o Alto Comando Imperial japonês foi o fato de uma força-tarefa americana de porta-aviões ter navegado tão perto da costa da sagrada terra natal. Tal erro não podia ser tolerado. A ameaça de novos ataques aéreos convenceu o Alto Comando primeiro, a reforçar a defesa do país com preciosos aviões que estavam apoiando ofensivas navais e terrestres, segundo, a expandir o perímetro do Império lançando uma invasão anfíbia à ilha de Midway no Pacífico Central. Dessa forma, a mais significativa consequência estratégica do reide foi obrigar o Alto Comando japonês a ordenar uma disposição ineficiente das suas forças e empreender uma ofensiva de alto risco que, efetivamente, redundou num desastre militar.

Receando a perda de Midway e a subsequente ameaça direta ao Havaí, o Comando americano foi compelido a enviar seus porta-aviões para defender a ilha, situação em que correriam o perigo de serem atacados pela Armada Combinada Japonesa. Na batalha que se seguiu, cinco porta-aviões foram destruídos, um americano e quatro japo-neses. A perda da elite da Marinha Japonesa, belonaves insubstituíveis, marcou o fim da ofensiva japonesa e o ponto de virada na guerra no Pacífico. O Japão só conseguiu colocar em serviço dois novos porta-aviões adaptados de navios mercantes, ao passo que os americanos ativaram até 1945, entre porta-aviões pesados (classe *Essex*), porta-aviões ligeiros e de escolta, cento e quarenta três novas unidades.

Doolittle e seus sessenta e oito tripulantes sobreviventes voltaram para casa receosos de uma punição pela perda de dezesseis aviões. Foram todos condecorados e Doolittle recebeu a mais alta condecoração americana, a Medalha de Honra do Congresso, além da promoção a Brigadeiro Comandante. Posteriormente, os cinco prisioneiros libertados e os seis mortos foram igualmente agraciados. Dez mil novos B-25 foram fabricados até 1945.

Uma consequência curiosa do reide deu-se mais tarde, em razão da afirmação do Presidente Roosevelt, no intuito de preservar detalhes do reide, de que o ataque fora lançado de *Shangri-la*, a fictícia terra distante da novela de James Hilton "Horizonte Perdido". Os verdadeiros detalhes da operação só vieram a público em abril de 1943, um ano depois. A Marinha, em 1944, comissionou o porta-aviões USS *Shangri-la* (classe *Essex*), cuja madrinha foi a esposa de Doolittle.

Fontes de Consulta

LAWSON, Ted W. *30 Segundos sobre Tóquio*. Rio de Janeiro: Ed. Cruzeiro, 1943.

War History on Line

Wikipedia



EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS

CEL INF EM, PRESIDENTE DA AHIMTB/RS

LECAMINHA@GMAIL.COM

SITES: WWW.AHIMTB.ORG.BR E WWW.ACADHISTORIA.COM.BR

SITE DO NEE/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR

SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM

BLOG DA DELEGACIA DA AHIMTB/RS EM CRUZ ALTA:

HTTP://ACADHISTORIACRUZALTA.BLOGSPOT.COM.BR/